



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS PINTO DO MONTEIRO-VI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA LETRAS/PORTUGUÊS**

GILBERTO LEAL DE BARROS

**ANÁLISE DOS TRAÇOS DE PERVERSÃO À LUZ DA PSICANÁLISE NOS
PERSONAGENS DO CONTO *O DECOTE*, DE NELSON RODRIGUES**

MONTEIRO – PB

2020

GILBERTO LEAL DE BARROS

**ANÁLISE DOS TRAÇOS DE PERVERSÃO À LUZ DA PSICANÁLISE NOS
PERSONAGENS DO CONTO *O DECOTE*, DE NELSON RODRIGUES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado no Curso de Graduação em
Letras/Português da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em
Letras/Português.

Orientadora: Prof. Ma. Aline Carolina Ferreira Farias

MONTEIRO – PB

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

B277a Barros, Gilberto Leal de.
Análise dos traços de perversão à luz da psicanálise, nos personagens do conto *O Decote*, de Nelson Rodrigues [manuscrito] / Gilberto Leal de Barros. - 2020.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2020.
"Orientação : Profa. Ma. Aline Carolina Ferreira Farias, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Nelson Rodrigues. 2. Perversão Sexual. 3. O Decote (Conto). 4. Sigmund Freud. 5. Literatura e Psicanálise. I. Título
21. ed. CDD B869.3

GILBERTO LEAL DE BARROS

**ANÁLISE DOS TRAÇOS DE PERVERSÃO À LUZ DA PSICANÁLISE NOS
PERSONAGENS DO CONTO *O DECOTE*, DE NELSON RODRIGUES**

Aprovado em 29/10/2020

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado no Curso de Graduação em
Letras/Português da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em
Letras/Português.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Aline Carolina Ferreira Farias
Orientadora/UEPB



Prof. Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza
Examinadora/UEPB



Prof. Dr. Pedro Felipe Moura de Araújo
Examinador/UEPB

Dedicatória

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, a Deus, causa primária de minha existência; em segundo lugar, à minha querida esposa, Luciana Maíra Quirino Henrique, sem o seu apoio, nada seria como se deu; não posso esquecer de prestar minha homenagem à professora Aline Carolina Ferreira Farias, pois sua colaboração foi fundamental para conclusão do mesmo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. APARELHO PSÍQUICO E A PULSÃO SEXUAL	9
2.TIPOLOGIA E DEFINIÇÃO DA PERVERSÃO	11
2.1 DESVIOS AO OBJETO SEXUAL	12
2.2 DESVIOS AO ALVO SEXUAL.....	13
3. A VIDA COMO ELA É, DE NELSON RODRIGUES	15
4. INTERPRETAÇÃO DO CONTO <i>O DECOTE</i>	17
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
6. REFERÊNCIAS	23

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar traços de perversão do conto *O Decote*, de Nelson Rodrigues, sob a luz dos estudos de Freud sobre perversões sexuais. O conto apresenta simbolicamente as estruturas psíquicas Id, Ego e Superego, nos seus personagens: Aderbal, O ego, que vive dividido entre as exigências da mãe; Dona Margarida, representa o Superego, e, por fim, a volúpia libidinal da esposa Clara, que representa o Id. A esposa contrasta com a personificação dos valores tradicionais e dos ideais da sociedade, ou então, a força moral da sociedade incorporada para suprimir os desejos ou impulsos sexuais do Id (Clara). Dessa maneira, questiona-se, quais seriam os traços ou nuances de perversão nos personagens no conto *O Decote* de Nelson Rodrigues, por meio da análise da estrutura psíquica. A presente pesquisa bibliográfica vale-se de artigos e livros que tratam da temática em questão. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica sobre esta temática, utilizou-se como método uma leitura exploratória e, por conseguinte, uma leitura seletiva do material bibliográfico sobre a temática da perversão. Valemo-nos da seguinte fortuna crítica: Freud (1979), Nasio (2007), Valas (1990), Quinet (1991), Lacan (2008), Roudinesco & Plon (1998) dentre outros. A conclusão que se chega é que sobre esse conceito freudiano de perversão sadomasoquista implica um aspecto fundamental da vida passional do sujeito.

Palavras-chave: Conto. Freud. Nelson Rodrigues. Perversão Sexual. O Decote.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar trazos de perversión del cuento El Escote, de Nelson Rodrigues bajo la óptica de los estudios de Freud sobre de la perversión sexual. El cuento presenta simbólicamente las estructuras psíquicas, Id, Ego e Superyó, en sus personajes: Aderbal, El ego, que vive dividido entre las exigencias de la madre; Doña Margarida, representa el Superyó, y finalmente, la voluptuosidad libidinal de la esposa Clara, que representa al Id. La esposa contrasta con la personificación de los valores tradicionales y los ideales de la sociedad, o bien, la fuerza moral de la sociedad incorporada para suprimir los deseos o impulsos sexuales del Id (Clara). Así, se cuestiona cuáles serían los rasgos o matices de perversión en los personajes del cuento de Nelson Rodrigues, a través del análisis de la estructura psíquica. La presente investigación bibliográfica hace uso de artículos y libros que abordan el tema en cuestión. Al tratarse de una investigación bibliográfica sobre este tema, se utilizó como método una lectura exploratoria y, a continuación, una lectura selectiva del material bibliográfico sobre el tema de la perversión. Utilizamos las siguientes fortunas críticas: Freud (1979), Nasio (2007), Valas (1990), Quinet (1991), Lacan (2008), Roudinesco & Plon (1998) entre otros. La conclusión que se llega es que sobre ese concepto freudiano de perversión sadomasoquista implica un aspecto fundamental da vida pasional del sujeto.

Palabras-clave: Cuento. Freud. Nelson Rodrigues. Perversión sexual. El Escote.

INTRODUÇÃO

Em seus estudos, Freud (1974, 1979, 1979a e 1996) e não visava tachar os comportamentos perversos a partir da moralidade da época, mas compreender como eles acontecem. Para isso, ele toma a problemática da formação da sexualidade infantil a partir dos questionamentos relacionados com o complexo de Édipo, processo em que, segundo o mesmo, a criança deseja sexualmente o progenitor do sexo oposto durante a infância. Assim sendo, a não superação disso pode acarretar problemas ou perversões à sexualidade do sujeito na fase adulta.

Em linhas gerais, os traços de perversões sexuais podem ser igualmente encontrados na literatura, sobretudo nos comportamentos de determinados personagens através da psicanálise freudiana, e pode converter-se em importante instrumento de estudo e interpretação literária, pois a literatura pode ser definida como um reflexo de todas as nuances da vida humana.

Dessa maneira, questiona-se, quais seriam os traços ou nuances de perversões nos personagens no conto *O Decote*, de Nelson Rodrigues, por meio da análise da estrutura psíquica?

A presente pesquisa bibliográfica vale-se de artigos e livros que tratam da temática em questão. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica sobre esta temática, utilizou-se como método uma leitura exploratória e, por conseguinte, de uma leitura seletiva do material bibliográfico sobre a temática abordada.

Assim sendo, o presente trabalho tenciona discutir os traços de perversões no conto, tomando por base a teoria psicanalítica de Freud a respeito do tema. Para isso, tomamos como hipótese que os personagens do conto apresenta traços de uma conduta perversa que se manifestam na forma de fetiches, além de outros desvios de objeto de desejo sexual, o que é compatível com uma manifestação bruta e poliforma da sexualidade tal como entendida por Freud.

No primeiro capítulo, buscaremos a definição do termo procurando estabelecer um diálogo com alguns estudiosos do pensamento freudiano, como por exemplo, Nasio (2007), Valas (1990), Quinet (1991), Lacan (2008) e Roudinesco & Plon (1998), que discutem os principais aspectos das perversões e suas consequências para a constituição sexual dos indivíduos.

No segundo capítulo, discutiremos alguns aspectos sobre a vida e obra de Nelson Rodrigues, escritor, dramaturgo e jornalista brasileiro, com vinte oito livros publicados, dezessete peças teatrais, sete adaptações de obras para a televisão e para o cinema. A fortuna bibliográfica de Rodrigues explora literalmente os aspectos sórdidos e individualistas das relações humanas no contexto familiar, expondo as traições e insinceridades conjugais.

Por fim, no terceiro capítulo analisaremos os personagens do conto *O Decote*, de Nelson Rodrigues, sob a perspectiva de Freud e seus estudos sobre perversões sexuais e a estrutura psíquica humana, baseada nos conceitos psicanalíticos de Id, Ego e Superego.

Por tratar-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica iremos realizar uma leitura exploratória das publicações freudianas e, a partir disso, buscamos outras publicações disponíveis em sites, livros, e revistas especializadas.

Recorremos à interpretação de outros estudiosos do pensamento freudiano como Nasio (2007), Roudinesco (2007) e Lacan (2005) que estudam sobre as condutas perversas, uma vez que não há nenhum parâmetro de referência a ser seguido pelo sujeito.

Visamos, portanto, então buscar na obra alguns traços da pulsão de prazer duplo de causar/receber dor, denominada de sadomasoquismo, e nos baseamos na interpretação que iremos realizar na teoria de Freud sobre essa perversão sexual.

Assim sendo, concluímos que trabalho retoma o conceito freudiano de perversão sadomasoquista ressaltando que essa implica um aspecto fundamental da vida passional do sujeito, pois está baseado na sintonia entre um sofrimento passivamente vivido e um sofrimento ativamente infligido por esse sujeito. No conto, o personagem Aderbal, representa o Ego, que deve distinguir as pulsões sexuais do Id (a esposa Clara) e as reprovações do mundo externo realizadas pelo Superego (a mãe).

1. APARELHO PSÍQUICO E A PULSÃO SEXUAL

De acordo com Freud (1979), o aparelho psíquico está dividindo a mente em três sistemas: o Id, o Ego e o Superego. O Id é o sistema original da personalidade, é a matriz de onde se origina o ego e o superego. Em outras palavras, o Id é uma pulsão de desejo bruto e insaciável, sendo a matriz de tudo que é psicológico, que é herdado e que se acha presente no nascimento, incluindo os instintos e pulsões sexuais inatas ao indivíduo.

O Ego, por sua vez, segundo Freud (1979), passa a existir porque as necessidades

do organismo requerem transações apropriadas com o mundo objetivo da realidade. Já o Superego, o terceiro e último sistema da personalidade, representa a incorporação dos valores tradicionais e dos ideais da sociedade conforme interpretados para a criança pelos pais e impostos pelo sistema de recompensas e punições. O Superego é a força moral da sociedade incorporada pelo sujeito para suprimir os desejos ou impulsos sexuais do Id.

Ainda de acordo com Freud (1979), O Id é o reservatório da energia psíquica e fornece toda energia para a operação dos outros dois sistemas, Freud chama o Id de “a verdadeira realidade psíquica.” (FREUD, 1979a, p.78). Enquanto, O ego distingue as coisas na mente das coisas do mundo externo, já o superego representa o ideal mais do que o real e busca a perfeição mais do que o prazer. Dessa maneira, o Id pode ser considerado o elemento embrionário da personalidade humana. A agressividade de um indivíduo seria oriunda do id, ou seja, uma espécie de autodestruição voltada para fora, contra objetos substitutos.

Freud (1996), ressalta que para Freud, possuímos certa energia que nos capacita a amar, chamada libido (da palavra latina para “desejo” ou “anseio”). Essa energia é produzida pelo Id e está sendo constantemente produzida. A mobilidade é uma característica da libido, ou seja, a facilidade em que pode passar de uma área de atenção para outra.

Garcia-Roza (1997) também endossa que a libido se volta para os objetos que tomamos para o eu, assim, se os objetos forem destruídos ou perdidos para nós, nossa libido volta a ser livre. Freud (1979) destaca não compreender por que esse processo de desligamento da libido, dos seus objetos, é doloroso, somente que o indivíduo não quer renunciar ao objeto que perdeu, agarrando-se a ele.

Dessa maneira, Freud (1979a) afirma que a criatividade do perverso pode ser materializada nas novas formas de fetiche que a mesma busca desenvolver, sempre de maneira inovadora e transgressora dos padrões sexuais considerados normais. Além disso, também existe uma renovação na satisfação do perverso no desenvolvimento de um quadro erótico que se desenvolve em termos de beleza através de excitação libidinosa com o seu fetiche, e que está relacionado com o aparelho psíquico.

Devemos compreender que, para Freud (1979), o ser humano nasce com um impulso ou uma pulsão sexual, também denominada libido, que o impele para sua satisfação imediata, o que Freud denomina de *princípio de prazer*. Governada por esse princípio, a pulsão é na verdade o “representante psíquico de uma fonte endossomática

de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora” (FREUD, 1979, p.103).

Portanto, toda pulsão tem um alvo ou zona erógena (área que causa excitação ou estímulo) que direciona, segundo Freud (1979), imediatamente sua pulsão, e por seguinte, a satisfação imediata desse impulso sexual. Contudo, no caso de perversão, a pulsão não direcionada para a zona erógena, podendo ser direcionando aos pés, cabelos, mãos, nariz, orelhas, costas etc., resultando em uma satisfação parcial do impulso sexual.

Nesse contexto, predomina um grupo heterogêneo de perversões que se enquadram em desvios de pulsão sexual para áreas não genitais ou para alvos não padrões com a moralidade judaico-cristã. Classicamente, pode-se dizer que a perversão se dá por conta de um retorno à excitação/erotização pela pulsão de outras áreas corporais do sujeito antes de ele vivenciar o complexo de Édipo.

Para os indivíduos perversos, a pulsão está relacionada com uma inclinação sobre outras zonas erógenas mais secundárias: “Nas inclinações perversas que reivindicam para a cavidade bucal e para o orifício anal um sentido sexual, o papel das zonas erógenas é imediatamente perceptível” (FREUD, 1979, p.103).

2.TIPOLOGIA E DEFINIÇÃO DA PERVERSÃO

Para Freud, na obra *Três Ensaios Sobre Teoria da Sexualidade* (1979a), o termo perversão é denominado de desvio da pulsão sexual para fora das zonas erógenas humanas, pois trata-se de uma matriz polimórfica na sexualidade infantil sobre zonas erógenas distintas:

Nesse aspecto, a criança não se comporta de maneira diversa da mulher inculta média, em quem se conserva a mesma disposição perversa polimorfa. Em condições usuais, ela pode permanecer sexualmente normal, mas, guiada por um sedutor habilidoso, terá gosto em todas as perversões e as reterá em sua atividade sexual (FREUD, 1979a, p.108).

O indivíduo, neste caso a criança, possui um desejo superestimado em outras zonas não-erógenas ou secundárias, ou em outras palavras, um desvio entre a pulsão sexual e a zona erógena tradicional que se sobrepõe à satisfação sexual sobre genitália. Conforme Freud (1979a), desse desvio surge então as perversões, desvios de conduta sexual para fora da zona erógena:

O sentido das zonas erógenas como aparelhos acessórios e substitutos da genitália, evidencia-se com maior clareza, dentre as psiconeuroses, na histeria: mas isso não implica que ele deva ser menos valorizado nas outras formas de doença. Nestas (neurose obsessiva, paranoia), ele é apenas menos reconhecível, pois a formação dos sintomas se dá em regiões do aparelho anímico mais afastadas dos centros específicos que dominam o corpo. Na neurose obsessiva, o que mais se destaca é a significação dos impulsos que criam novos alvos sexuais e parecem independentes das zonas erógenas. Não obstante, na escopofilia, e no exibicionismo, o olho corresponde a uma zona erógena; no caso da dor e da crueldade, como componentes da pulsão sexual, é a pele que assume esse mesmo papel; a pele, que em determinadas partes do corpo, diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se transmutou em mucosa, sendo assim a zona erógena (FREUD, 1979a, p.104).

Neste fragmento, o autor afirma que a relação das perversões ou desvios, com as neuroses e as psicoses são demarcadas pelo objeto ou parte do corpo que são alvo desses impulsos sexuais, devido a isso toda perversão é um desvio no impulso sexual para uma zona não erógena. Dessa maneira, pode ocorrer uma oscilação entre o objeto e possivelmente outra coisa ou objeto inanimado ou não escolhido pelo perverso. Neste sentido e direção, Roudinesco e Plon (1998) afirmam que a sexualidade infantil naturalmente perversa e polimorfa não tem limites ou restrições a norma ou conduta sexual tradicionalmente aceita pela sociedade, pois se organiza como um desvio em relação a uma pulsão, a uma zona (órgão/ genitália), seja um objeto (pessoa/animal) e/ou um alvo (parte do corpo: cabeça, cabelo, membros...).

2.1 DESVIOS AO OBJETO SEXUAL

Dessa maneira, Freud (1979a) distinguiu e definiu as perversões, ou desvios sexuais, do objeto sexual, da seguinte maneira:

Chamemos de objeto sexual a pessoa de quem provém a atração sexual, e de alvo sexual a ação para a qual a pulsão impele. Assim fazendo, a observação cientificamente esquadrihada mostrará um grande número de desvios em ambos, o objeto sexual e o alvo sexual, e a relação destes com a suposta norma exige uma investigação minuciosa (FREUD, 1979a, p. 84).

Freud (1979a) também classifica nas perversões as relações homoeróticas como um desvio ao objeto sexual, denominando tais relações como “inversão”. Contudo, Freud faz um uso ponderado do termo “inversão”, qualificando aqueles que tem pulsão sexual pelo o objeto do mesmo sexo, classificados como invertidos, alterando-se assim o desejo sexual por pessoa do sexo oposto.

Freud (1979a) também comenta sobre o caso da atração sexual exclusiva por

crianças e animais que movem alguns perversos, atualmente denominados de pedófilos; podem ser uma atração ainda não amadurecida sexualmente; para termos freudianos:

Excepcionalmente as crianças são objetos sexuais exclusivos; em geral, passam a desempenhar esse papel quando um indivíduo covarde ou impotente se presta a usá-las como substituto, ou quando uma pulsão urgente (impreterível) não pode apropriar-se, no momento, de nenhum objeto mais adequado. Ainda assim, é esclarecedor sobre a natureza da pulsão sexual o fato de ela admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto, coisa que a fome, muito mais energeticamente agarrada a seu objeto, só permitiria nos casos mais extremos (FREUD, 1979a, p. 98).

Além desses casos Freud (1979a) também explicita sobre os casos de desvios que ultrapassam a barreira da espécie humana e transborda para outros níveis de irregularidade da norma padrão da sexualidade humana, chegando muitas vezes a ser considerado como loucura, conforme explicita no seguinte fragmento:

A experiência ensina que não se observam entre os loucos quaisquer perturbações da pulsão sexual diferentes das encontradas entre os sadios, bem como em raças e classes inteiras. Assim, com a mais insólita frequência encontra-se o abuso sexual contra as crianças entre os professores e as pessoas que cuidam de crianças, simplesmente porque a eles se oferece a melhor oportunidade para isso. Os loucos apenas exibem tal aberração em grau intensificado, ou então, o que é particularmente significativo, elevado a uma prática exclusiva e substituindo a satisfação sexual normal. Essa curiosíssima relação entre as variações sexuais e a escala que vai da saúde à perturbação mental dá o que pensar (FREUD, 1979a, p. 97).

Para Freud (1979a) esses denominados “perversos” apresentariam um estágio ou etapa do desvio sexual, ainda mais peculiar que os invertidos ou os pedófilos, pois as posições sexuais dos mesmos não estão relacionadas a uma satisfação sexual normal da conduta humana, mas a uma variação dessa satisfação sexual devido ao grau de loucura ou perturbação mental que esses indivíduos são acometidos ou apresentam.

2.2 DESVIOS AO ALVO SEXUAL

Nesta categoria estão inseridas as perversões relativas ao alvo sexual, ou seja, ao desvio da pulsão sexual fora das zonas erógenas propriamente ditas, ou então, na supervalorização das mesmas; “Essas atividades, de um lado, trazem prazer em si mesmas, e de outro, intensificam a excitação que deve perdurar até que se alcance o alvo sexual definitivo” (FREUD, 1979a, p. 98).

Neste ponto também podem ser enquadradas as supervalorizações que alguns indivíduos dão as mucosas labiais, ao ânus e as outras partes do corpo que não estão relacionadas ao aparelho sexual, mas que, ao serem superestimadas pelos indivíduos perversos em relação, chegam inclusive a substituí-las.

As perversões são ou (a) transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final (FREUD, 1979a, p. 100).

Vejamos o que Freud (1979a) cita sobre a supervalorização da mucosa labial: “o uso da boca como órgão sexual é considerado como perversão quando os lábios (língua) de uma pessoa entram em contato com a genitália de outra, mas não quando ambas colocam em contato a mucosa labial” (FREUD, 1979a, p.103). No caso da supervalorização da mucosa anal, a repulsa é posta de lado torna-se um alvo de predileção para os invertidos em suas práticas sexuais distantes das normas sexuais.

O papel sexual da mucosa do ânus de modo algum se restringe à relação sexual entre homens, nem tampouco a predileção por ela é característica da sensibilidade dos invertidos. Parece, ao contrário, que o predicativo do homem deve seu papel à analogia com o ato praticado com a mulher, ao passo que a masturbação recíproca é o alvo sexual mais facilmente encontrado na relação sexual dos invertidos (FREUD, 1979a, p. 104).

Além desses exemplos, Freud também destaca (1979a) que no caso de garotas e mulheres que sofrem de histeria, elas apresentam uma aversão ao pênis: “muito mais convincente do que a razão fornecida pelas moças histéricas para explicar seu asco ante o órgão genital masculino: que ele serve à micção” (FREUD, 1979a, p. 106). Tal aversão pelo órgão sexual masculino pode se tornar um potencial perversão quando a garota busca um substituto para o pênis, denominado de fetiche. Neste caso, em especial, Freud (1979a) também destaca o desenvolvimento de substituto do objeto sexual para a mentalidade perversa, denominado de fetiche. Os perversos mantêm então uma relação pulsional com esse substituto do objeto sexual, geralmente a satisfação sexual do perverso com seu substituto é intenso e prazeroso, como cita Freud (1979a):

O substituto do objeto sexual geralmente é uma parte do corpo (os pés, os cabelos) muito pouco apropriada para fins sexuais, ou então um objeto inanimado que mantém uma relação demonstrável com a pessoa a quem substitui, de preferência com a sexualidade dela (um artigo de vestuário, uma peça íntima). Comparou-se esse substituto, não injustificadamente, com o fetiche em que o selvagem vê seu deus incorporado (FREUD, 1979a, p. 89).

Essa condição não-sexual do fetiche elegido pelo perverso, demonstra a qualidade diversa e multifacetada do substituto que pode ter seja um objeto inanimado ou não. A existência do fetiche para o perverso torna-se a condição indispensável para o gozo sexual, ou ainda, um “pré-requisito disso em todos os casos.

O ponto de ligação com o normal é proporcionado pela supervalorização psicologicamente necessária do objeto sexual (...)” (FREUD, 1979a, p.96). Além disso, o fetiche pode ser erógeno e desvinculado dos órgãos sexuais dos indivíduos perversos, conforme entendem Roudinesco e Plon (1998) sobre o fetichista encontrar prazer no fetiche em si, convertendo-o em um aspecto interessante no quadro da perversão.

Além disso, para Freud (1979a), o fetiche também se propaga inevitavelmente por tudo o que está associativamente ligado ao objeto. Por isso, certo grau desse fetichismo costuma ser próprio do amor normal, sobretudo nos estágios de enamoramento em que o alvo sexual normal é inatingível ou sua satisfação parece impedida pelo simbolismo do fetiche.

3. A VIDA COMO ELA É, DE NELSON RODRIGUES: VIDA E OBRA

Segundo Castro (1996), o dramaturgo e escritor brasileiro Nelson Rodrigues nasceu em Recife em 1912, filho de Maria Esther e Mário Rodrigues, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde desde cedo se dedicou ao jornalismo policial na gazeta *A Manhã*, pertencente ao seu pai Mário Rodrigues. A fixação de Nelson Rodrigues por matérias jornalísticas que envolveriam escândalos extraconjugais e homicídios passionais marcariam posteriormente suas obras teatrais.

Segundo Castro (1996), os temas das obras de Nelson Rodrigues abordam “tanto na dramaturgia quanto nas crônicas, são recorrentes: traição, crimes em família, amor, morte. E essas misturas da dramaturgia com os contos e as crônicas tornaram-se referência de um estilo que se perpetua até os dias de hoje na teledramaturgia nacional” (CASTRO, 1996, p. 76). O legado bibliográfico de Nelson Rodrigues, segundo o autor (1996), se resume há vinte oito livros publicados, dezessete peças teatrais, sete adaptações de obras para a televisão, além de vinte e uma que foram adaptadas para o cinema. A bibliografia de Rodrigues explora os aspectos sórdidos e individualistas das relações humanas no seio do drama familiar, permeado por traições e insinceridades conjugais.

Para Santos (2009), esses temas abordados por Nelson Rodrigues representam uma análise sobre o cotidiano familiar a partir de uma ótica pessimista. Sob a orientação de Ruy Castro o livro, *A Vida Como Ela é* (1999), trata de uma coletânea desses contos que, posteriormente, foram adaptados para a televisão. Conforme cita Sacramento e Cardoso (2011), Nelson Rodrigues começou a escrever os contos que mais tarde constituíram a obra *A vida como ela é*, na coluna do jornal *Última Hora* na década de 50. As histórias baseadas em fatos verídicos eram publicadas na seção de crimes passionais do jornal, com uma linguagem objetiva, coloquial e clara:

Assim, as pessoas liam nos bondes, a caminho de casa. Ao mesmo tempo, as histórias causavam familiaridade e estranheza, características próprias da transgressão moral rodrigueana. Quanto às reticências no título desta obra, pode-se dizer que, ao instituí-las, Nelson Rodrigues convida o seu leitor a aprofundar a imaginação e a subjetividade, através das narrativas, pois, seguindo sua observação do dia-a-dia, o autor criou personagens completamente verossímeis e passíveis de serem encontrados na vida cotidiana (SACRAMENTO e CARDOSO, 2011, p. 03).

Sacramento e Cardoso (2011), também comentam que os textos de Nelson Rodrigues que inicialmente foram considerados marginais, pornográficos, obscenos e escandalosos para a época, devido aos enredos que giravam em torno do adultério e do sexo; considerados imorais para uma sociedade ainda puritana e conservadora que não tolerava que os casos extraconjugais fossem expostos de mais tão nitidamente por Nelson Rodrigues em seus contos.

Segundo Santos (2009), quando suas obras foram adaptadas para a televisão, os casos extraconjugais relatados nos contos se tornaram amplamente conhecidos pelo público em geral, tornando o privado público. Dessa maneira, a série televisiva, baseada nos contos de Nelson Rodrigues, representa a sociedade brasileira, em meados do século XX, em processo de transformação devido à inserção do contexto brasileiro na cultura de massa através das obras de Nelson Rodrigues:

O telespectador que assiste *A Vida Como Ela É* está acostumado ao tipo de linguagem criada pelo autor, que se tornou padrão na teledramaturgia. Isso acaba por facilitar a absorção das mensagens presentes na história. O alcance desses contos em diversas esferas da comunicação e durante muitos anos parece esconder uma série de transformações da sociedade em que a obra se insere, e reforça estereótipos criados pelo dramaturgo em seus escritos originais. O fato de um autor dessa dimensão ter tido textos recentemente adaptados para televisão, atualmente o meio de comunicação de maior alcance no Brasil, sugere um reforço ou resgate de conceitos já arraigados na sociedade patriarcal brasileira (SANTOS, 2009, p. 37).

Seja portanto, a adaptação ou o livro *A Vida Como Ela, é*, para alguns estudiosos das obras do Nelson Rodrigues, como Sacramento e Cardoso (2011), onde os personagens e as cenas representados nos contos do escritor, apresenta uma faceta mais sórdida e triste da realidade humana, demonstrando uma ficção que reflete as nossas contradições e dilemas no seio familiar, sob uma perspectiva com tons sórdidos, temperada com um humor corrosivo e irônico ao longo da narrativa:

Como uma narrativa triste e cruel; contudo, o autor não nega esta característica da obra e de suas outras produções, pois compartilha do entendimento de que a realidade precisa ser revelada, doe a quem doer. Assim, a ficção e a realidade estão presentes e estabelecem um limite muito tênue em sua narrativa. É, a partir da realidade, que surge a inspiração para se fazer a ficção e o próprio autor se nomeia ficcionista (SACRAMENTO e CARDOSO, 2011, p. 03).

A obra de Nelson Rodrigues pode ser compreendida como uma narrativa que tem como pano de fundo a realidade urbana, sendo exploradas as relações familiares e seus pormenores através de contos relativamente breves e com linguagem e expressões do cotidiano. Ainda de acordo com Sacramento e Cardoso (2011), os contos contidos na obra são “histórias inspiradas nas notícias veiculadas na seção de crimes do jornal e, por isso, são trágicas, recobertas com humor negro e romantismo” (SACRAMENTO e CARDOSO, 2011, p.04).

Para Anderson Brandão (2014), as particularidades das obras de Nelson Rodrigues estão marcadas por temporalidades no interior do texto dramaturgico que é, por um lado, testemunha de sua própria contemporaneidade e, por outro, depositário dos tempos anteriores, responsáveis por aspectos de sua formação. Portanto, a obra mostra a relação indissociável entre forma, drama e história. Por um lado, há aspectos da longa duração de elementos relativos às mentalidades brasileiras, presentes na estrutura profunda do texto rodrigueano; por outro, existe o impacto que esses mesmos elementos podem ter em nossa cultura.

4. ANÁLISE DOS PERSONAGENS NO CONTO *O DECOTE*

Alguns contos do autor foram reunidos na obra intitulada *A vida como ela é*, segundo o próprio Nelson Rodrigues, essa obra foi nomeada dessa maneira pelo seguinte motivo em especial: “*A vida como ela é ... se tomou justamente útil pela sua tristeza ininterrupta e vital. Uma pessoa que só tenha do mundo uma visão unilateral e rósea, e*

que ignore a face negra da vida, é uma pessoa mutilada” (RODRIGUES, 1992, p. 34). Para Sacramento e Cardoso (2011), essa frase de Nelson Rodrigues foi dita num momento em que, alguns apontavam *A vida como ela é*, como uma narrativa triste e cruel; contudo, o autor não nega esta característica da obra e de suas outras produções, pois compartilha do entendimento de que a realidade precisa ser revelada, doe a quem doer.

No pequeno conto *O Decote*, a sogra, Dona Margarida, visita o seu filho casado, Aderbal, e se depara com a nora, Clara, cuja relação com a mesma não era nem um pouco amistosa ou sociável. “Chegou de surpresa. A nora, que não gostava da sogra perspicaz e autoritária, torceu o nariz. Já o filho, que a respeitava acima de tudo e de todos, precipitou se, de braços abertos, trêmulo de comoção” (RODRIGUES, 1992, p. 186). A nora Clara, aparentemente jovem e bela, contrasta com o perfil conservador e severo que as mulheres casadas devem possuir, segundo Dona Margarida “uma mãe enérgica, viril, à antiga” (RODRIGUES, 1992, p. 186), considerando a beleza da jovem como um sério problema a ser combatido com rapidez, “indispôs-se com a nora, cuja beleza a irritava, e cortou o mal pela raiz” (RODRIGUES, 1992, p. 186).

Pode-se considerar também que Dona Margarida, embora deteste o comportamento da nora, talvez reprove psicologicamente esse ideal de beleza da nora. Sob a perspectiva da psicanálise, a personagem Clara pode ser representada como o Id, a pulsão do desejo bruto e insaciável, sendo representado pelos instintos e pulsões sexuais inatas ao indivíduo.

Por sua vez, Dona Margarida, representa o Superego, a personificação dos valores tradicionais e dos ideais da sociedade, ou então, a força moral da sociedade incorporada para suprimir os desejos ou impulsos sexuais do Id (Clara). Pelo fato, do título ser *O Decote*, pode-se deduzir que a beleza da nora está voltada para o uso de roupas mais chamativas e que realcem ou embelezem a sua aparência. Ao interpretamos a conduta da sogra (Superego) da personagem, pode-se averiguar que o que a sua causa repulsa não é necessariamente a conduta de sua nora, mas é essa exaltação de sua beleza que causa isso. Essa exaltação é a realização do próprio Id e está sendo constantemente produzida com facilidade e rotineiramente.

No conto, Clara (Id), demonstra ser uma mulher bastante sedutora e provocante sobre os olhos reprovadores da sogra, Dona Margarida (Superego). É justamente aquela sogra, “sem papas na língua, que a exasperava” (RODRIGUES, 1992, p. 186), que nutre um desdém invejoso que se chega a ser rancoroso por Clara, devido à sua beleza

voluminosa, jovem e sensual, que luta para colocar o filho contra a nora para o mesmo limite ou condene abertamente tal postura de sua esposa:

Trancou-se com o filho no gabinete. Perguntou:
 — Sabe por que eu vim aqui?
 E ele, impressionado:
 — Por quê?
 D. Margarida respirou fundo:
 — Vim lhe perguntar o seguinte: você é cego ou perdeu a vergonha?
 Não esperava por esse ataque frontal. Ergueu-se, desconcertado: “Mas como?”.
 Apesar dos seus achaques, que faziam de cada movimento uma dor, d. Margarida pôs-se de pé também. Prosseguiu, implacável:
 — Sua mulher anda fazendo os piores papéis. Ou você ignora? — E, já com os olhos turvos, uma vontade doida de chorar, interpelava-o: — Você é ou não é homem?
 Foi sóbrio:
 — Sou pai (RODRIGUES, 1992, p. 186).

A personagem Clara representa, não só as mulheres muitas vezes aprisionadas durante séculos no lugar da mãe, da santa e da esposa, mas também a forma de libertação do Id em um corpo mais jovem e mais atraente como uma nova erótica feminina, onde a descrição ou ausência de vaidade pode significar uma ruptura com a associação mulher/atividade reprodutiva. Algo perfeitamente defendido pelo Superego (Dona Margarida) que reprima tudo com conduta autoritária contra Clara, embora a mesma seja supostamente adúltera, representa uma aparentemente rejeição. Essa tendência de embalsamento enraizado na jovem mulher é tendência que contrapõe a austeridades de outras mulheres defensoras da moralidade.

Conforme demonstra a continuação do enredo da bela personagem Clara, em busca de sua fascinação e do bem-estar através do embelezamento do próprio corpo para a exaltação da própria pulsão psíquica:

Quando chegou em casa, tarde, semi-bêbado, Clara o interpelou: “Que papelão, sim senhor!”. Ele podia ter posto panos quentes, mas o álcool o enfurecia. Respondeu mal; e ela, numa desilusão ingênua e patética, o acusava: “Imagine! Fazer isso em plena lua-de-mel!”. A réplica foi grosseira:
 — Que lua-de-mel? A nossa já acabou!
 Durante três dias e três noites, Clara não fez outra coisa senão chorar. Argumentava: “Se ele fizesse isso mais tarde, vá lá. Mas agora...”. A verdade é que jamais foi a mesma (RODRIGUES, 1992, p. 178).

Clara ou Id, passa, então, a apelar para o *sex appeal*, quer dizer que a beleza física atualmente estar sendo trabalhada de uma forma que se relacione com o sexo, ou seja, como uma forma de bem-estar subjetivo ante aos problemas como o casamento.

Zechilinski (2007), concorda que o condicionamento que a mulher casada ou não sofria na época cercada de preconceitos e vista como subsidiário ao do homem, o “chefe da casa”, e muitos pensavam que a maior escolarização feminina servia para qualificar o papel principal e natural que ela exercia dentro do lar, cuidando da casa, do marido e dos filhos.

Diante disso, o personagem Aderbal, representa o Ego, que deve distinguir as pulsões sexuais do Id e as reprovações do mundo externo realizadas pelo Superego. Conforme Freud (1979a), o Ego tem a difícil tarefa de optar entre as pulsões de desejo do Id (a bela e sedutora Clara) e o dever moral do Superego (austera Dona Margarida). Trata-se, portanto, de processo doloroso de ruptura e desligamento afetivo de um objeto ou pessoa amada pelo dever de agir segundo a moral vigente.

Um detalhe na narrativa de Rodrigues (1992), sobre a reprovação do novo comportamento de Clara demonstra que o mesmo não ocorre no seio familiar ou matrimonial, muito menos pelo seu marido Aderbal (Ego). Mas, ele ocorre por através da ação terceiros: a sogra de Clara, e posteriormente por uma pessoa que envia voluntariamente, quando ela começa a mudar, uma carta para relatar a conduta voluptuosa de Clara ao pacífico Aderbal:

Quando Mirna fez oito anos, ele recebeu uma carta anônima em termos jocosos: “Abre o olho, rapaz!”. Pela primeira vez, caiu em si. Começou a observar a mulher.

Mãe displicente, vivia em tudo que era festa, exibindo seus vestidos, seus decotes, seus belos ombros nus (RODRIGUES, 1992, p. 59).

Para essas pessoas conservadoras, o trecho acima “vivia em tudo que era festa, exibindo seus vestidos, seus decotes, seus belos ombros nus” representa uma perversão do Ego (Aderbal) ou fetiche, que também se propaga, inevitavelmente, por tudo o que está associativamente ligado ao objeto: corpo lindo e sensual de Clara, e o atrativo decote.

Assim sendo, Aderbal gosta de ver o corpo no decote da esposa, como uma espécie de fetichismo que costuma ser próprio do amor normal, sendo que o alvo sexual normal é inatingível, ou sua satisfação parece impedida pelo simbolismo do fetiche. Dessa maneira, Zechilinski (2007), cita que o comportamento de Clara pode representar uma inversão libidínica do papel da dona de casa tradicional, e isso o excita perversamente. Independentemente dessa afirmação do autor das reprovações do Superego, notificado ao marido por meio da carta anônima:

As cartas anônimas, presentes em três dos cinco contos, demonstram que a sociedade estava atenta à vida íntima de um casal e que as traições diziam respeito a toda uma rede de amigos e de sociabilidades. Esses elementos demonstram a eficácia do sistema de controle que se formava no meio urbano, onde de certa forma a vigilância era mais difícil e exigia olhos atentos e dispostos à denúncia (ZECHLINSKI, 2007, p. 67).

Essa interferência extraconjugal, notoriamente por sua mãe e pela suposta carta anônima que Aderbal recebeu, demonstra a pressão sobre o personagem exercida pela sociedade conservadora e moralista, exercia sobre pessoas como Clara, àquela “vigilância”, que fez com que Clara passa-se a exaltar a própria pulsão de desejo.

Para Freitas, Valentim e Fernandes (2013), o conto de Nelson Rodrigues está inserido no quesito de subversão dos padrões sociais e leva ao extremo o comportamento antiético e imoral, com o intuito de chocar e causar espanto em seu público burguês, brasileiro e cristão: “São obras pestilentas, fétidas, capazes, por si sós, de produzir o tifo e a malária na plateia”.

Outro ponto importante no conto está voltado para a excitação de Clara em despertar o *sex appeal* e o uso exagerado de roupas provocadoras; ela começa a agir de maneira diferente, sobretudo quando a possibilidade do adultério acontece.

Ainda segundo Novaes (2013), o corpo feminino estava devidamente incorporado, não operando apenas em sua dimensão social. De tal forma que, instaure no sujeito o sentimento de culpa e falta de caráter, pois aponta para um agenciamento inadequado das potencialidades individuais. Em síntese, se antes o poder era externo passou então a ser responsabilidade do sujeito saber agenciá-lo.

Por outro lado, essa visão tradicional da mulher que Clara começa a romper, e que reforçam as marcas que caracterizavam o ideal de masculinidade, eram a iniciativa, o trabalho, a força, a agressividade e o espírito de aventura. Embora nem todas as pessoas correspondessem aos modelos, eles serviam de base para avaliar os comportamentos, delineando o que era adequado para o homem e para a mulher. Por fim, o Ego ou Aderbal acata as determinações do Superego e mata a sua esposa, com tiros no belo decote:

Ele pareceu meditar, como se procurasse o sentido misterioso dessas palavras. Levantou-se, então. Foi a um móvel e apanhou o revólver na gaveta. Subiu, sem pressa. Diante do espelho, Clara espremia espinhas. Ao ver o marido, pôs-se a rir.

Boa, normal, afável com os demais, só era cruel com aquele homem que deixara de amar. Seu riso, esganiçado e terrível foi outra maldade desnecessária. Então, Aderbal aproximou-se. Atirou duas vezes no meio do decote. (RODRIGUES, 1992, p. 59).

Analisando o fragmento assim, nota-se que Aderbal ao atirar no decote da sua esposa faz isso como mecanismo de defesa comprimindo com as exigências do superego, buscando suprimir o seu fetiche, eliminando o Id (Clara).

Para Caruso (1984), a separação dos amantes tem um gosto de morte na relação ou mecanismo de defesa, na medida em que o amor se transforma em ódio, permitindo a *desidentificação* com o objeto. Por trás dessa agressividade ao atirar no decote, há uma dor pela perda do ser amado, mas continua a amá-lo mais do que nunca, mesmo sabendo que irremediavelmente tenha perdido. Dessa maneira, na relação amorosa se torna algo problemático para o amante que tem sua relação rompida rapidamente, gerando conflitos internos e mal resolvidos com sua falecida parceira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa bibliográfica utilizou-se como método uma leitura exploratória e, por seguinte, de uma leitura seletiva do material bibliográfica sobre a temática em questão. A obra de Nelson Rodrigues deve ser compreendida como uma narrativa da realidade urbana brasileira, pois estão sendo exploradas as relações familiares e seus pormenores através de contos relativamente da expressão do cotidiano. Conforme Sacramento e Cardoso (2011), os contos contidos na obra são “histórias inspiradas nas notícias veiculadas na seção de crimes do jornal e, por isso, são trágicas, recobertas com humor negro e romantismo” (SACRAMENTO e CARDOSO, 2011, p.04).

Para Anderson Brandão (2014), as particularidades das obras de Nelson estão marcadas por temporalidades no interior de seu texto dramaturgico que é, por um lado, testemunha de sua própria contemporaneidade e, por outro, depositário dos tempos anteriores, responsáveis por aspectos de sua formação. Por um lado, há aspectos da longa duração de elementos relativos às mentalidades brasileiras, presentes na estrutura profunda do texto rodrigueano; por outro, existe o impacto que esses mesmos elementos podem ter em nossa cultura.

Assim sendo, o presente trabalho tencionou discutir os traços de perversões no conto, tomando por base a teoria psicanalítica de Freud sobre o aparelho psíquico e a perversão. Para isso, tomamos como hipótese que a personagem do conto apresenta traços de uma conduta perversa que se manifestam na forma de fetiches além de outros desvios de objeto de desejo sexual, o que é compatível com uma manifestação bruta e poliforma da sexualidade tal como entendida por Freud.

Nelson Rodrigues retrata muito dos contos, como “O Decote” demonstra, como as mulheres souberam despertar para a cultura do embelezamento, contrapondo-se ao modelo, ao perfil de dona de casa recatada e do lar. Neste conto ressaltamos a importância da beleza corporal feminina, enfatizando como o corpo ideal é um objeto de negócio, de comercialização, com o intuito do cuidado de si e da volúpia consigo mesmo.

Pelo fato, do título ser *O Decote*, pode-se deduzir que a beleza da nora está voltada para o uso de roupas mais chamativas e que realcem ou embelezem a sua aparência. O conto apresenta simbolicamente as estruturas psíquicas nos seus personagens: Aderbal (O ego), que vive dividido entre as exigências da mãe, Dona Margarida, o Superego, e a volúpia libidinal da esposa Clara, que representa o Id. A esposa contrasta com a personificação dos valores tradicionais e dos ideais da sociedade, ou então, a força moral da sociedade incorporada, para suprimir os desejos ou impulsos sexuais do Id (Clara). Que por fim, termina com desfecho trágico com a morte da esposa devido as exigências do Superego para pôr a fim as supostas traições dela.

6. REFERÊNCIAS

ANDERSON BRANDÃO, L. H **O corpo e suas narrativas. Envelhecimento feminino e culto ao corpo** *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. (2014).

ARAÚJO, P. M. MENESSES, M. T. O perfil do corpo bonito principalmente para ver a boa leitura do Nelson. Do periódico ao literário: da efemeridade à permanência em *A vida como ela é* **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. 2009),

CÁTALOGO INTERNACIONAL DE DEFICIÊNCIAS. Disponível em < [http://www.cid.org. med](http://www.cid.org.med)> acesso em 12 de jun 2020

CARUSO, Igor. **A Separação dos Amantes: uma fenomenologia da morte.** trad. João Silvério Trevisan. 4. Ed. São Paulo: Diadorim, 1984.

CASTRO, A. T. A VIDA DE NELSON RODRIGUES, *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. (1996),

CASTRO, M. G A brutal solidão negra no paraíso racial: a representação do negro no teatro brasileiro moderno a partir da leitura da peça Anjo negro, de Nelson Rodrigues, *cadernos pagu* (29), julho-dezembro de 1996.

FREUD, S. **A Um caso de Histeria, Três ensaios sobre sexualidade infantil e outros trabalhos.** trad. de Joan Riviere. Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1974a.

_____. **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: Obras Completas. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1979.

_____. **O Eu E O Id, “Autobiografia” e Outros Textos (1923-1925).** Obras Completas Volume 16; trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

_____. **Interpretação dos sonhos I-II.** Volume 1 e 2. trad. de Joan Riviere. Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago, 1974c.

FREITAS, M. G. VALENTIM, F. G., FERNANDES, A. G. VIDA COMO ELA é: sobre o cotidiano em Nelson Rodrigues **cadernos pagu (29)**, julho-dezembro de 2013:400-438.

FROMM, Erich. **A arte de amar.** Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1995.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.** 24.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LAKATOS, E, m e Marconi, M. **A técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas. 5ªEd; 2002.

NASIO, Juan-David. **O Livro da Dor e do Amor.** trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intolerável peso da feiura:** sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio: Garamond, 2013.

_____. **A Dor de amar.** trad. André Telles e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan,** vol.2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

RODRIGUES, Nelson, **A vida como ela é —: O homem fiel e outros contos.** Nelson Rodrigues; seleção Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise.** trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SACRAMENTO, Sandra Maria P. do e CARDOSO, Shirley Pereira. Do periódico ao literário: da efemeridade à permanência em *A vida como ela é.* **Letras de Hoje,** Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. 2011.

QUINET, Antonio. **As 4 + 1 Condições da Análise.** 12º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1991. Disponível em: <<http://www.sociedadedospoetasamigos.com.chi.wordpress>> acesso em 12 de jun de 2012.

_____. **A estranheza da psicanálise:** a Escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. Disponível em:

<<http://www.sociedadepoetasamigos.com.br>. wordpress> acesso em 12 de jun de 2012.

VALAS, P. **Freud e Perversão**. trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1990.

ZECHLINSK, M. G. VIDA COMO ELA é: imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues **cadernos pagu (29)**, julho-dezembro de 2007:399-428.